

JUDAÍSMO ORTODOXO E SIONISMO: PURISMO CLERICAL E
SECULARIZAÇÃO
ORTHODOX JUDAISM AND ZIONISM: CLERICAL PURISM AND
SECULARIZATION

Daniela Susana Segre Guertzenstein¹

RESUMO

Este artigo apresenta textos hebraicos bíblicos da literatura rabínica, que fundamentam a vertente sionista judaica religiosa, em contraposição a purismos clericais contrários a secularização na forma do idealismo do estado civil judeu redentor de pessoas, identificadas pelas suas origens judaicas, como párias em exílio entre outras nações. O objetivo principal deste artigo é apresentar os movimentos e partidos israelenses judaicos ultra-ortodoxos, judaicos ortodoxos e de comunidades judaicas sefarditas, mediterrâneas e orientais revelando a predisposição desses para retrocessos democráticos.

PALAVRAS CHAVE: Sionismo, Judaísmo, Religião, Ortodoxia Judaica.

ABSTRACT

This article exposes Jewish Hebrew biblical texts that underpin the religious Judaic Zionist strand, in opposition to clerical purisms against the Jewish secularization shaped in the idealism of a redemptory Jewish civil state for people, identified by their Jewish roots, as outcasts in exile among different nations. The main aim of this article is to present the ultra-orthodox Jewish, orthodox-Jewish and Sephardic, Mediterranean and Eastern Jewish communities and their Israeli parties revealing their predisposition to democratic setbacks.

KEYWORDS: Zionism, Judaism, Religion, Jewish Orthodoxy.

¹ PNP/DCAPES/PPGS/DS/FFLCH Universidade de São Paulo
Ph.D. Letras Orientais / Pós Doutorado Sociologia
guertzenstein@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O desencantamento religioso ocorre na medida em que a razão prevalece sobre crenças clericais e o raciocínio lógico rompe mitos e preconceitos. O lema "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", do século XVIII, foi ponto de partida para a globalização de princípios apriorísticos (a priori) da moralidade dos valores éticos das leis civis e direitos humanos universais, fraturando a perpetuação de dogmas da simbologia de diferentes contextos religiosos.

A emancipação às avessas é o fenômeno em que os fiéis de uma religião defendem a hierarquia social de sua doutrina como um bem maior; uma verdade mítica e absoluta. A eleição de políticos que defendem o purismo religioso, por exemplo, a reconstrução do Templo de Jerusalém e estabelecimento da Grande Assembleia (composta por autoridades rabínicas) como sistema de governo popular é o primeiro passo de um retrocesso democrático para uma ditadura teocrática judaica.

A emancipação feminina às avessas é a cumplicidade e submissão da mulher, a partir de seu status secundário no paradigma religioso, às autoridades que impõem o cumprimento dos seus preceitos religiosos.

A emancipação de gênero é consequência da autonomia feminina adquirida através da garantia de direitos civis obtidos pela inclusão da mulher como mão de obra no contexto de um mercado legalizado em expansão global. A emancipação feminina das judias ortodoxas decorre principalmente através da conscientização delas sobre seus direitos civis.

A discriminação que divide "uns" dos "outros" resulta o estranhamento do diferente e a identificação daqueles que não compartilham dos mesmos ideais como uma ameaça. Quanto mais moderada a ortodoxia judaica; maior a inclusão, mesmo que seletiva, de seus fiéis em ambientes públicos e maior a assimilação de novos conhecimentos e valores. Quanto mais extrema a ortodoxia judaica, maior a exclusão voluntária de seus fiéis de ambientes públicos e maior o purismo de seus fiéis que se manifesta na rejeição a cultura e valores considerados alheios ao judaísmo ortodoxo.

A inclusão profissional, acadêmica e política iluminista permitiram o abandono das crenças e costumes clericais judaicos e a inclusão de judeus na indústria, nas universidades e partidos políticos; não faltam exemplos, na sociologia de Trotsky a Marx, no campo científico Einstein, Freud e muitos outros.

O sionismo surgiu entre os judeus como uma de muitas outras ideologias nacionalistas socialistas com ideais antagônicos aos princípios religiosos e que não se estabeleceu sobre a miríade de populações nativas de seus territórios.

No socialismo israelense (esquerda) prevalecem valores socialistas antirreligiosos. O socialismo nacionalista israelense (direita) não é religioso. Para a ira de puristas religiosos judeus e de socialistas: a conversão ao judaísmo realizada pelo Ministério das Religiões do Estado de Israel representa o compromisso com as tradições, costumes, idioma, cultura e cidadania israelense e serve como parte do processo de nacionalização que concede a cidadania israelense.

Esse artigo apresenta expressões e mitos da literatura bíblica hebraica repetida ao decorrer dos séculos nas liturgias das tradições judaicas que atraíram e atraem seus discípulos e fiéis para os movimentos sionistas e judeus ortodoxos moderados para os movimentos sionistas religiosos.

A informação apresentada nesse artigo expõe o estabelecimento de movimentos antissionistas de judeus ortodoxos extremos e seus partidos israelenses. E expõe os movimentos de judeus ultra-ortodoxos que se opõem a um governo democrático israelense, não participam da política nacional e rejeitam a cidadania israelense.

O mito messiânico do retorno dos judeus a Jerusalém é citado também por líderes de comunidades religiosas não judaicas. Algumas delas são citadas nesse artigo, para mostrar valores e interesses religiosos compartilhados por fiéis de diferentes religiões que contribuem para a existência do Estado de Israel.

Contudo, o objetivo principal dessa pesquisa é apresentar o ingresso de diferentes movimentos religiosos judaicos na política israelense e seus principais interesses políticos servindo como introdução para pesquisas que

investiguem as sobreposições entre princípios religiosos judaicos, valores nacionalistas, socialistas e direitos civis para a defesa de interesses partidários e classistas de diferentes segmentos políticos judaicos.

2. SIONISMO

Não é fácil explicar o que significa sionismo hoje em dia, uma vez que o conceito está sendo repensado pelos próprios sionistas, inicialmente identificados com o socialismo, que passam por uma profunda crise de identidade, necessitando reavaliar seus valores nacionalistas, suas causas socialistas e seus ideais sionistas após menos de setenta anos da fundação do Estado de Israel.

Apresentar os motivos da oposição ao sionismo e ao próprio Estado de Israel pelos judeus ultra-ortodoxos oriundos da Europa Central, Setentrional e Oriental e pelos judeus de países árabes arraigados às tradições religiosas judaicas de suas regiões e adversos a qualquer movimento de reforma de suas tradições religiosas não é difícil.

Também não é difícil explicar porque as comunidades judaicas ortodoxas da Europa Setentrional e Oriental, conhecidas como asquenazitas², e as comunidades judaicas religiosas de origem espanhola, conhecidas como sefarditas³, conjuntamente com outras comunidades judaicas mediterrâneas e orientais⁴, adotam causas sionistas, formando dissidências judaicas ortodoxas e judaicas religiosas sionistas.

² *Asquenazita*: termo utilizado para denominar os judeus oriundos da Europa Central e da Europa Oriental e suas comunidades. *Ashkenaz*: do hebraico: é uma região da Europa Central. *Asquenaz* é uma referência geográfica na Alemanha Medieval ou Sacro Império Romano Germânico. Os judeus asquenazitas cumprem as leis contidas nos comentários redigidos pelo "Rema" ou "Ramo", o Rabino Moses Isserles (1520-1572) sobre como os costumes judaicos asquenazitas devem prevalecer para os judeus asquenazitas perante a legislação sefardita do *Shulchan Aruch*.

³ *Sefardita*: do hebraico: espanhol. Usado para denominar os judeus espanhóis que fugiram na época da Inquisição, muitos formando comunidades judaicas sefarditas nas regiões ao redor do Mar Mediterrâneo até no Líbano e na Síria e outras regiões mais ao leste no continente asiático. Este termo é também utilizado para denominar todas as comunidades judaicas mediterrâneas e orientais que seguem a doutrina rabínica conforme o Compêndio de Leis *Shulchan Aruch* redigido pelo rabino espanhol Rabino Iosef Karo (1488-1575), ou Beth Iosef.

⁴ *Orientais*: do hebraico: *mizrahim*. Muitos destes judeus têm origens sefarditas. Os judeus orientais são os judeus de países asiáticos anteriores as sefarditas, por exemplo, na Babilônia (Irã), na Pérsia (Irã), na Alexandria (Egito) entre outros. O termo é usado também na

O judaísmo ortodoxo sionista iniciou-se na Europa antes da fundação do Estado de Israel e veio a estabelecer o Rabinato Chefe de Israel como secretaria oficial de uma das religiões do Ministério das Religiões do Estado de Israel. O Rabinato Chefe de Israel é liderado por um Rabino Chefe Asquenazita e por um Rabino Chefe Sefardita, eleitos a cada dez anos.

Em 2003 vários órgãos do Ministério das Religiões de Israel foram transferidos para outros ministérios do governo israelense. Em 2004 as secretarias de outras religiões, do antigo Ministério das Religiões, foram transferidas para o Ministério do Interior de Israel⁵. O Ministério das Religiões foi transformado em Gabinete de Assuntos Religiosos do primeiro ministro israelense. No ano de 2008 esse gabinete tornou-se o Ministério de Serviços Religiosos, com o objetivo de tratar somente de assuntos relacionados às tradições judaicas.

O Partido *Bait HaYehudi* (tradução: Lar Judeu), partido judaico ortodoxo ultranacionalista revisionista sionista, fundado em 2008, assumiu em 2013 uma nova secretaria do Ministério de Serviços Religiosos, criada especialmente para a manutenção dos lugares de peregrinação judaica no Estado de Israel.

Em 2013, o Ministério de Serviços Religiosos, entenda-se serviços religiosos judaicos, recebeu um novo departamento, o Departamento de Identidade Judaica. O objetivo principal desse departamento é impor interesses religiosos judaicos na política israelense. Os "projetos judaicos religiosos", do departamento em questão, são como todos os projetos políticos israelenses, matéria de barganha de coalizões, na dinâmica do sistema democrático do parlamento israelense.

O sionismo que fluía do ocidente ao oriente através da colonização inglesa e francesa não foi bem aceito pelas lideranças comunitárias mais religiosas dos judeus árabes. Foi o crescente nacionalismo árabe após a fundação do Estado de Israel, que resultou, somente em 1948, no êxodo de

denominação de algumas comunidades judaicas norte-africanas, que não têm obrigatoriamente ascendência sefardita ou asquenazita.

⁵ Secretarias de outras religiões do Ministério do Interior de Israel: 1) Secretaria do Islã; 2) Secretaria do Cristianismo; 3) Secretaria Druza; e 4) Secretaria das Religiões Menores, ex: Behai.

<http://www.moin.gov.il/OFFICEUNITS/RELIGIOUSGROUPSDEPARTMENT/Pages/About.aspx>

cerca 848.000 judeus árabes para Europa, América, Israel e Oceania. As dificuldades de adaptação dos judeus árabes em instituições sionistas israelenses mais identificadas com hábitos, causas sociais europeias e ideais socialistas do que com os costumes judaicos e comportamentos árabes reflete o imbróglia sionista.

Sionismo e a Lei do Retorno⁶ são dois conceitos intrinsecamente ligados. O sionismo, através da lei do retorno, concede aos identificados como judeus o direito de receber a cidadania israelense. A lei do retorno é uma lei civil israelense, outorgada em 1950, que legitima a concessão de cidadania israelense, para pessoas identificadas como judeus (naturais e convertidos) com o quesito de que não apresentem ameaça a segurança pública. A lei do retorno determina a identidade dos migrantes, o que implica no perfil dos novos eleitores e seus reflexos na política israelense.

A lei islâmica do Império Turco-Otomano, da colonização inglesa herdada pelo Estado de Israel, determina que o casamento seja realizado somente por lideranças religiosas oficiais. Assim, o choque entre ideais socialistas, sionistas e nacionalistas em confronto com fundamentalismos religiosos resulta que pessoas optem por se casar no Chipre, e, inclusive, aumenta o estabelecimento de uniões estáveis, isto devido à dificuldade de casar em Israel.

Pode não parecer fácil explicar os ideais sociais sionistas ortodoxos e religiosos no contexto da nação moderna israelense de liberdade de credo, que deve garantir segurança social, educação secular profissionalizante e liberdade de credo a todos os habitantes, independentemente da etnia ou religião destes. Contudo, esta tarefa se complica, quando o judaísmo ortodoxo sionista, também reconhecido como judaísmo religioso nacionalista, é estereotipado constantemente na mídia com fotos de judeus barbudos usando solidéus coloridos, armados, com esposas que cobrem a cabeça com lenços em manifestações para legitimar o direito de poder residir em regiões da antiga

⁶ Lei do Retono (09 de julho de 1950):

http://jpress.org.il/Olive/APA/NLI_Heb/SharedView.Article.aspx?parm=mhYMki6kdhBvM5PmXQnmojKB5n%2BsoCEZJuETsd05p7B0bGifw3g9Pw3GJ3jR%2BSlhYw%3D%3D&mode=image&href=AHR%2f1950%2f07%2f06&page=1&rtl=true

Samária e Judéia, nos territórios da Cisjordânia e de áreas em negociação com o atual Estado Palestino.

É fácil entender o preconceito que associa os judeus antissionistas aos judeus sionistas, mesmo que eles diverjam totalmente em suas metas sociais, religiosas, assuntos políticos, migrações e sociedade. O rótulo é útil para estereotipar os judeus como sionistas colonizadores de territórios árabes. Essa associação é cômoda para propostas que desejam alimentar um caldeirão de ódio irracional que funde o antigo antissemitismo ao moderno antissionismo para legitimar causas políticas e religiosas nefastas.

Também não é difícil explicar alguns confrontos dos países europeus ocidentais, e, dos EUA com potências rivais, ditaduras, países árabes e antissionistas que pleiteiam expandir alianças no Oriente Médio rejeitando reconhecer a legitimidade religiosa, política e social de um país como o Estado de Israel, que é regido por um sistema legislativo anglo-saxônico e desfruta do mercado europeu e depende dos EUA.

Os assuntos acima necessitam ser lembrados, para que se entenda o contexto da proposta deste artigo, que não visa analisar o sionismo inspirado no nacionalismo socialista de países europeus orientais, de certo modo semelhantes a vertentes nacionalistas árabes seculares e outros nacionalismos asiáticos. Este artigo tem como objetivo principal apresentar o nacionalismo judaico religioso, que encontra alguma semelhança no nacionalismo árabe religioso e apresentar resumidamente, sem maiores reflexões, suas instituições e a oposição de judeus religiosos e ultra-ortodoxos ao socialismo sionista.

3. SIONISMO, RELIGIÕES E SIONISMO JUDAICO RELIGIOSO

O sionismo surgiu no final do século XIX na Europa Central e Oriental como um movimento socialista de renovação nacionalista que tomou como objetivo principal criar seu desejado estado na Palestina.

O conceito sionista migrou para ambientes religiosos exteriores a tradição judaica. O sionismo cristão popularizou-se no início do século XX. O sionismo cristão é uma crença que o retorno dos judeus à Terra Santa e o estabelecimento do Estado de Israel em 1948 estão de acordo com a profecia

bíblica. O Movimento Cristão para a Restauração dos Judeus na Terra Santa tem partidários religiosos e políticos. Muçulmanos defensores de Israel se consideram "muçulmanos sionistas". No mundo muçulmano o apoio a Israel é uma orientação minoritária e vem enfrentado intolerância e violência.

Os ideais socialistas do nacionalismo sionista são assunto polêmico entre judeus religiosos. Os judeus ocidentais ultra-ortodoxos e os judeus orientais mais religiosos reprovavam o sionismo porque os judeus sionistas eram seculares ou ateus e muitos deles eram marxistas. O sionismo socialista foi previsto para ser uma ferramenta para resolver o problema do antissemitismo com a construção de uma sociedade socialista moderna na Terra de Israel. Suas instituições como o *kibutz* (comunidade coletiva focada em objetivos nacionais) não respeitavam os preceitos da lei judaica, como, por exemplo, organização de ritos litúrgicos e a alimentação *kasher*.

O sionismo não é uma unanimidade entre os judeus. Os judeus não são necessariamente sionistas, mesmo que a cidade de Jerusalém e a Terra Santa, que se encontram no Estado de Israel, simbolizam, na tradição judaica, a redenção final.

Os judeus empenhados no próprio pertencimento na construção dos estados europeus⁷ não aderiam ao sionismo. Judeus ultra-ortodoxos europeus⁸ e judeus religiosos de países árabes⁹ se manifestavam abertamente contra os valores socialistas sionistas. A fundação do Estado de Israel desencadeou uma série de perseguições contra judeus nos países árabes, por eles serem identificados, pelas lideranças árabes muçulmanas, indubitavelmente, como potenciais sionistas. Perseguidos politicamente muitos judeus em países

⁷ O *Bund*: União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, chamada em iídiche de Algemeyner Yidisher Arbeter Bund in Lite, Poyln un Rusland é um movimento político de operários judeus entre 1890 e 1930 que visava autonomia para o povo judeu sem uma referência nacional.

⁸ Judeus sectários que se opõem ao estudo das ciências e de conhecimentos externos a tradição judaica de suas próprias lideranças religiosas, receosos de que as influências desses venham a desvirtuar o judaísmo de sua comunidade.

⁹ Judeus que na qualidade de *dhimmis* (súditos não muçulmanos) pagavam impostos adicionais para garantir o direito de residir em regiões dominadas pela *xaria* (Lei Islâmica).

árabes migraram para onde lhes fosse viável, ou seja, para os países onde fossem aceitos e para Israel¹⁰.

O historiador israelense Shlomo Sand afirma que o sionismo é semelhante a outros movimentos nacionalistas europeus. O passado mítico do "Reino de David" prova que os judeus tiveram uma idade de ouro como um povo separado e um reino desde a antiguidade. Segundo Sand, antes dessa "invenção", os judeus se consideravam judeus porque eles compartilhavam uma religião em comum com lugares santos de peregrinação e não eram unidos por uma fundamentação étnica (Sand, 2011).

A literatura judaica que tem Sião e Jerusalém como referência fundamenta a "invenção judaica nacionalista", que Sand critica, divide e une judeus e não judeus. A migração de crenças religiosas torna seus valores transnacionais globalizando seus conceitos. Assim, o discurso "sionista nacionalista" e o discurso "sionista mítico", apropriados pela cosmovisão de diferentes religiões, traduzem antigas discriminações, e servem para legitimar os mais diversos interesses através da imposição de sua validade bíblica.

O sionismo apropriou-se do hebraico como idioma nacional. Assim os textos do *Tanakh*¹¹ (em hebraico bíblico¹² compilados pelos massoretas¹³), os textos rabínicos em idioma judaico¹⁴, as liturgias hebraicas¹⁵, o hebraico da literatura medieval rabínica¹⁶, e o resgate do hebraico como idioma sionista

¹⁰ A partir da fundação do Estado de Israel, no mês de maio, lembra-se a *Naqba* (catástrofe), que representa o êxodo de palestinos de alguns territórios no Estado de Israel e legitima o levante dos países liderados por muçulmanos para expulsar e perseguir suas populações judaicas.

¹¹ *Tanakh*: Acróstico de "*Torá*", "*Nevyim*" e "*Ketuvyim*" que são respectivamente o Pentateuco, Profetas e Escrituras da Bíblia Hebraica.

¹² Hebraico da Bíblia Hebraica. As últimas escrituras hebraicas apresentam maior inserção do aramaico em seus textos.

¹³ Os textos hebraicos das escolas massoretas se assemelham mais aos achados arqueológicos do século II da era comum de *Qumram* e aos textos proto-hebraicos do Pentateuco Samaritano, do que as versões da *Septuaginta* (tradução da Bíblia Hebraica ao grego).

¹⁴ Judaico é o idioma hebraico da Região de Judá no século II da era comum. O idioma judaico é produto de influência grega, o pronome pessoal após o verbo do hebraico bíblico passa a anteceder o verbo no idioma hebraico judaico igual a sintaxe grega. Os primeiros textos rabínicos, a *Mishná*, da tradição judaica, foram editados no idioma hebraico judaico do século II da era comum.

¹⁵ Livros de rezas judaicos com textos em hebraico bíblico, hebraico judaico e hebraico medieval.

¹⁶ Literatura judaica medieval em hebraico com textos de exegese, compêndios legislativos, poesias, canções e outros gêneros. Extensa literatura judaica produzida a partir do século IX

moderno¹⁷, contrapondo-se a tradição ídiche da Europa Oriental, traz latente no hebraico sionista seu vínculo com o desenvolvimento da cultura religiosa judaica. A apropriação do hebraico e criação de um estado judeu com Jerusalém como capital, incorpora nos ideais socialistas sionistas conflitos e confrontos com os discipulos de diversas dissidências religiosas judaicas nas dinâmicas políticas já na formação do Estado de Israel.

As liturgias judaicas são transcrições dos rituais e serviços litúrgicos do Templo de Israel em Jerusalém e são realizadas com seus fiéis voltados para a cidade de Jerusalém. O calendário judaico, as leis rabínicas que decretam o sétimo dia como descanso e as festividades judaicas, entre outras leis, alimentam a interdependência e coesão entre seus fiéis, para a realização das praticas das tradições judaicas. A tradição rabinica decreta o jejum anual de 25 horas, da data hebraica de 9 de av, que lembra a destruição do Templo de Israel em Jerusalém. Contudo não existe unanimidade entre os judeus sobre o Estado de Israel e ainda menos quanto a reconstrução do Templo de Israel em Jerusalém.

A narrativa tradicional judaica dos textos rabínicos¹⁸, estudados pelos judeus ortodoxos e judeus religiosos orientais, apropriou-se do termo sionismo, explicando que esse conceito foi iniciado no judaísmo logo após a queda do Segundo Templo de Israel em Jerusalém, entre os séculos I e II da era comum, quando ocorreu a expulsão da maioria dos judeus dos territórios do antigo Reino de Israel.

A partir da diáspora judaica no século I da era comum as oferendas do Templo de Israel em Jerusalém foram substituídas por cerimônias em que são lidos textos litúrgicos que remetem a Jerusalém. Por exemplo, o texto rabínico da *Agadá de Pessah*¹⁹ redigido por eruditos rabínicos na Galiléia, no segundo

da era comum até o século XIX por rabinos, poetas e outros autores judeus em diversas regiões da Europa, África, Ásia até o Iêmen.

¹⁷ Hebraico moderno idealizado por Eliezer Ben-lehuda no século XIX. O ressurgimento do hebraico com objetivo de ser uma língua falada apropriado pelo sionismo como um idioma para uma nação no seu país.

¹⁸ O Judaísmo é composto pela Tradição Escrita (Bíblia Hebraica) e pela Tradição Oral (Literatura Rabínica).

¹⁹ *Agadá de Pessah*: Texto redigido na Galiléia no século II da era comum, em substituição aos serviços e oferendas realizados no Templo de Israel em Jerusalém, para lembrar o Êxodo do

século da era comum, quando esses comemoram que seus antepassados saíram da escravidão do Egito, para a liberdade em direção à Terra Santa, é finalizado com a leitura da sentença: "no ano que vem, em Jerusalém".

Outro exemplo do simbolismo judaico referente a Sion, portanto ao sionismo, é: a "nostalgia à Sião", texto que se encontra no salmo hebraico²⁰: "Nos rios da Babilônia lá nos estabelecemos também choramos na nossa lembrança de Sião..." narrando o luto pela destruição do Templo de Israel em Jerusalém. O salmo continua: "Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha direita; grude-se a minha língua no meu palato; se não me lembrarei de elevar Jerusalém sobre a minha alegria". Esse salmo é lido diariamente na liturgia judaica em dias não festivos e como prefácio de rezas, poemas, poesias e outros textos judaicos antigos, medievais e modernos que ressaltam a crença israelita da fé judaica.

A força desse refrão é estarrecedora, no século XIX essa citação tornou-se ícone na formação de um movimento judaico nacionalista europeu, que tomou proporções da busca de um centro nacional para os judeus. Esse mesmo refrão foi utilizado também em escalas menores e para outros assuntos, por exemplo, no século XX, para motivar coesão entre operárias judias pela causa trabalhista de sua classe profissional²¹.

O movimento sionista surgiu de maneira equivalente a outros movimentos nacionalistas europeus, que resultaram na divisão geopolítica dos países europeus e de outros ao redor do mundo. Leon Pinker, médico polonês e Moses Hess, escritor alemão, se destacaram como os mais importantes precursores do sionismo no século XIX.

O principal responsável pela formação sionismo religioso foi o Rabino Abraham Isaac Kook, que compatibilizou ideais sionistas com a lei judaica,

Egito, quando os israelitas saíram da escravidão egípcia para o deserto em direção a terra prometida.

²⁰ Salmo 137 (em hebraico *Tehilim quf-mem-zayn*)

²¹ "...Era um juramento de que não furariam a greve. Cerca de 15 mil trabalhadores do vestuário, a maioria moças, entraram em greve, provocando o fechamento de mais de 500 fábricas. Jovens operárias italianas aderiram, houve prisões, tentativas de contratar novas trabalhadoras, o que tornou o clima muito tenso. A direção da greve ficou com a Associação dos Trabalhadores Hebreus e com o Sindicato Internacional de Trabalhadores na Confecção de Roupas de Senhoras (International Ladies' Garment Workers' Union - ILGWU)." (Blay, 2001)

pedindo para os jovens judeus religiosos trabalharem para que o estado e os sionistas seculares dessem mais atenção ao judaísmo.

O Rabino Kook explica que os sionistas seculares podem pensar que são sionistas por razões políticas, nacionais ou socialistas, mas o motivo real que os leva a reassentar-se na Terra de Israel seria a centelha religiosa judaica *Nitzotz* de sua alma judaica, plantada por Deus. Assim, mesmo sem esse discernimento, eles estariam contribuindo para o plano divino. Segundo o Rabino Kook, o papel dos sionistas religiosos é contribuir para estabelecer um Estado judeu e transformar a centelha religiosa em uma grande luz, mostrando que a verdadeira fonte do sionismo é o judaísmo dos Ensinamentos Judaicos com amor e bondade. Segundo este rabino, no final, os sionistas vão entender que as leis judaicas são a chave para a verdadeira harmonia e para um estado socialista judaico (não no sentido marxista), que será uma luz para as nações e trará a salvação ao mundo.

Em 1924, quando o Rabino Kook tornou-se o Rabino-Chefe Asquenazita da Palestina, ele tentou conciliar o sionismo com o judaísmo ortodoxo.

4. MOVIMENTOS SIONISTAS JUDAICOS RELIGIOSOS

O judaísmo ultra-ortodoxo, por exemplo, o Movimento *Naturei Karta*²² (*Shomrei HaHomot*, em português: Guardiões das Muralhas) declara oposição aos socialistas, aos sionistas, aos nacionalistas, aos nacionalistas religiosos e contra o Estado de Israel. A ultra-ortodoxia judaica acredita que a legislação rabínica deve servir como jurisprudência da Terra Santa, deslegitimando as instituições israelenses.

A causa sionista e seus movimentos têm como objetivo o desenvolvimento e a preservação do Estado de Israel. As instituições sionistas divulgam projetos sociais do governo israelense, que visam criar pertencimento a causa sionista, com objetivo de angariar investimentos e atrair a migração de

²² Judeus ultra-ortodoxos que se encontravam em Jerusalém antes da fundação do Estado de Israel conhecidos por se opor aos sionistas e pelo relacionamento com as lideranças muçulmanas.

novos adeptos para o Estado de Israel, aumentando a população israelense sionista²³.

Os movimentos sionistas religiosos acrescentam a missão, digamos, missão espiritual, na medida em que acreditam que o estabelecimento de uma migração que preserva os princípios da tradição judaica rabínica, no Estado de Israel, aproxima o mundo de sua redenção final.

Os primeiros rabinos a apoiar o sionismo foram o Rabino Yehuda Shlomo Alcalino e o Rabino Zvi Hirsch Kalischer. Para eles, o novo status dos judeus da Europa Ocidental após a emancipação foi o primeiro passo para a redenção judaica messiânica por um caminho natural através do *Kibutz Galuot*, traduzido como "Encontro dos Exilados", o retorno à Terra de Israel, com o trabalho agrícola e o uso cotidiano da língua hebraica também pelas comunidades asquenazitas.

A Organização *Mizrachi* foi fundada em 1902 na cidade de Vilna, na Lituânia, em uma conferência mundial de religiosos sionistas e o seu movimento juvenil, *Bnei Akiva*, foi fundado em 1929. A Organização *Mizrachi* acredita que os Ensinamentos Judaicos devem fundamentar o sionismo, como na expressão: "A Terra de Israel para o Povo de Israel, segundo a *Torá* (ensinamento religioso) de Israel". O Partido *Mizrachi* foi o primeiro partido sionista religioso oficial e é o responsável pela formação da rede de escolas públicas religiosas (*Mamlachti Dati*), que existe até hoje.

Entre 1937 e 1948 a Organização *Mizrachi* comprou terras e estabeleceu três grandes regiões de assentamentos com um kibutz judaico religioso em cada região. O primeiro no vale de *Beit Shean*, o segundo, nas montanhas ao sul de Belém (região conhecida como *Gush Etzion*), e o terceiro, no lado ocidental do deserto do *Neguev*. A fundação do *Kibutz Yavne*, no centro do país, em uma quarta região, ocorreu após a criação do Estado Israel.

O Movimento Juvenil *Bnei Akiva* tem sucursais em diversos países europeus, na África do Sul, em diversos países americanos, na Nova Zelândia

²³ Por exemplo, as instituições *Keren Kayemet* e *Keren Hayesod*, no Brasil o Fundo Comunitário, são instituições sionistas. A Agência Judaica é a instituição sionista oficial para a migração para Israel, o lema de identidade que orienta o pertencimento: "conectar judeus com Israel, uns com os outros, com a sua herança cultural e com o nosso futuro coletivo": <http://www.jewishagency.org/pt/>

e na Austrália. No Brasil, o Movimento Bnei Akiva surgiu na cidade de São Paulo²⁴ em 1950 e atualmente conta com duas filiais em São Paulo, duas filiais no Rio de Janeiro e uma em Belém do Pará. As atividades do Bnei Akiva consistem na organização das rezas e festividades judaicas, na programação vespertina nos dias festivos judaicos para crianças e jovens, além de acampamentos nas férias. Os membros do Bnei Akiva são estimulados para, depois do ensino médio, passar um ano de intercâmbio em Israel, estudando em instituições sionistas religiosas israelenses e podendo participar de um treinamento de curta duração no exército israelense.

5. INSTITUIÇÕES DE ENSINO SIONISTAS RELIGIOSAS ISRAELENSES

A instituição de ensino israelense sionista religiosa mais conhecida que costuma acolher os membros das filiais do Movimento Bnei Akiva depois do ensino médio em programas de estudos judaicos religiosos é a *Yeshiva Mercaz HaRav*, fundada em 1924 pelo Rabino Kook, em Jerusalém. Outras instituições sionistas religiosas são a *Yeshivat Or Etzion*, a *Yeshivat HaKotel*, a *Yeshivat Birkat Moshe* em Maale Adumim, a *Yeshivat Har HaMor*, o Seminário Feminino *Ein HaNatziv* e o Instituto Yaacov Herzog para Estudos Judaicos.

A maioria destas instituições de ensino faz parte do programa oficial do exército para homens sionistas religiosos, que intercala períodos de treinos militares com programas de estudos judaicos estendendo, devido à programação judaica, o serviço militar para mais do que os três anos de serviço compulsório.

A rede de educação pública religiosa preza pela qualidade do ensino secular e do ensino religioso. Estas escolas obedecem às exigências dos programas oficiais de ensino do Ministério da Educação de Israel. Já as escolas judaicas ortodoxas e outras que não se submetem aos critérios e não lecionam os programas disciplinares seculares do Ministério da Educação de Israel são reconhecidas como entidades de ensino autônomas.

²⁴ <http://www.bneiakivasp.com.br/>

A Universidade Barilan é a principal universidade sionista religiosa israelense e é composta por oito faculdades: Faculdade de Ciências Exatas, Faculdade de Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas, Faculdade de Estudos Judaicos, Faculdade de Medicina, Faculdade de Engenharia e Faculdade de Direito. A educação superior sionista religiosa tem como objetivo formar profissionais qualificados, independentemente da etnia e credo destes, sem que se coloque a necessidade de cursar disciplinas religiosas judaicas.

A rede de ensino superior sionista religioso israelense conta com diversas escolas superiores que oferecem cursos de bacharelado e licenciatura em ciências exatas, biomédicas, sociais e humanas. Na região da Galiléia e no deserto do Neguev, dependendo da população local, pode ser comum, que nas classes, o número de estudantes árabes israelenses ultrapasse o de não árabes.

É comum que estudantes sionistas religiosos de diversas nacionalidades, ao migrar para Israel, matriculem-se nas universidades israelenses não religiosas, que são divulgadas pelas organizações sionistas, que têm como nome as cidades onde se encontram.

Uma vez no Estado de Israel, os migrantes optam pelas mais diversas instituições onde conseguem ser aceitos. Muitos deles decidem se estabelecer em Israel com permissão de residente permanente. Pacifista ou não, essa decisão tem como objetivo evitar o alistamento obrigatório no exército israelense.

6. PARTIDOS POLÍTICOS SIONISTAS RELIGIOSOS ISRAELENSES

As definições de direita e esquerda necessitam ser melhor explicadas, porque essa polaridade não reflete a política partidária no contexto israelense. Os partidos de esquerda se identificam com causas socialistas, fato que se complicou com a anexação de territórios ao país, sem que a população destes recebesse a cidadania israelense, e com a adoção de causas sionistas socialistas democráticas por partidos religiosos. Portanto, ser de 'esquerda' em

Israel tornou-se um bordão para quem é favorável ao Estado Palestino, e ser de 'direita' classifica quem acredita que esta não é a solução para o conflito israelense palestino.

O Partido *HaPoel HaMizrachi*, fundado em 1922, em Jerusalém, sob a expressão *Torá VaAvodá* (Torá e Trabalho) é uma dissidência religiosa do Movimento Sionista Trabalhista fundado 1921 na Europa. O Partido *HaPoel HaMizrachi* formou vários *kibutzim* (comunidades socialistas) organizadas sob orientação judaica religiosa. Nas primeiras eleições israelenses, os partidos mais votados foram o Partido *Mapai*, o Partido *Mapam* e o Partido *Hapoel HaMizrachi*, em terceiro. O Partido *Mapai* tornou-se, em 1968, o Partido *Avodá* (Partido Trabalhista). A dissolução do *Mapam*, em 1998, contribuiu para o fortalecimento do Partido *Meretz*, fundado em 1992, que defende a criação de dois estados para o conflito israelense palestino, a justiça social, os direitos humanos (especialmente para as minorias étnicas e sexuais), liberdade religiosa, e a defesa do meio ambiente.

Em 1956 o Partido *Mafdal* (Partido Trabalhista Religioso) emergiu do Partido *Hapoel HaMizrachi*, dissolvido em 2008 por divergências no âmbito nacionalista, religioso e limites territoriais entre seus membros, resultou na formação de novos partidos sionistas religiosos.

O Partido *Meimad*, nacionalista religioso de esquerda, formado por dissidentes do Partido *Mafdal*, associou-se ao Partido Trabalhista até 2006, apoiando a negociação de territórios, e, em 2009, não conseguiu mais votos suficientes para o Parlamento.

A Coalizão Partidária *HaYhud HaLeumi* é a união de partidos nacionalistas de direita que une o Partido *Moledet*, o Partido *Hatikva*, o Partido *Eretz Yisrael Shelanu* e o Partido *Tkuma*, que o antecederam antes das eleições em 2013.

Outros partidos nacionalistas religiosos de direita são o Partido *Tkuma* que não se dissolveu, e juntou-se ao Partido *HaBait HaYehudi*. A Coalizão Partidária *HaYhud HaLeumi* acolheu o Partido *Ahi*, o Movimento Nacional *Herut* e o Partido *Yisrael Beiteinu*, como também, provavelmente, parte dos membros

do Movimento *Gush Emunim* de ativistas radicais de direita, que oficialmente não existe mais.

O Kahanismo é a ideologia ultranacionalista de Meir Kahane, fundador da Liga de Defesa Judaica e do Partido *Kach* (liderado por Meir Kahane) em Israel. O objetivo principal de seu idealizador é a defesa do Estado de Israel no confronto com seus inimigos. Em Israel, no Canadá, na União Européia e nos Estados Unidos, o Partido *Kach* foi designado como uma organização terrorista.

O Partido *HaBait HaYehudi* surgiu em 2008, é um partido ultranacionalista de direita e seus ideais revisionistas sionistas defendem os limites geográficos bíblicos para o Estado de Israel.

O Partido *Ysrael Beiteinu* (Israel nosso Lar) é nacionalista, de direita, revisionista sionista de ideologia secular, 'anticlerical' fundado por imigrantes russos liderados por Avigdor Lieberman e advoga pela integração dos árabes israelenses (árabes em territórios israelenses). O Partido *Ysrael Beiteinu* não é um partido sionista religioso, esse partido é anticlerical e atrai os votos dos imigrantes russos judeus religiosos e de outros judeus, porque idealiza, por exemplo, os partidos russos, com o objetivo de conseguir um lar judaico, num país seguro.

Lieberman é acusado de fascista, por ter criado a proposta de demarcar territórios nacionais diferentes aos de 1948. Em projetos posteriores na ONU, propôs trocar territórios da Cisjordânia, com grande população de judeus, por territórios israelenses na região da Galiléia.

A proposta de Lieberman alerta que o governo palestino não concede a cidadania palestina aos israelenses. Portanto, é fundamental nos direitos humanos que as mulheres devam continuar a ter o direito da cidadania israelense. No obstante, esta proposta peca por presumir a concessão da cidadania palestina para todos os cidadãos israelenses e israelenses árabes, em futuros territórios palestinos e, desse modo, legitima retirar o direito à cidadania israelense dos árabes que residem em territórios finalmente

demarcados como palestinos e, por este motivo, têm direito a cidadania palestina.

Nas eleições de 2013 para o Parlamento Israelense, uma minoria votante constituída pelos eleitores judeus ortodoxos fiéis ao Movimento *Chabad Lubavitch*, fundamentados em uma profunda doutrina antissionista, mas, que o seu último líder, o Rabino Menachem Mendel Schneerson (1902-1994), apoiou causas judaicas nacionalistas israelenses e se opõe aos programas de instituições sionistas religiosas públicas israelenses e nos seus movimentos juvenis, muitos de seus eleitores tiveram a maioria de seus votos pulverizados entre partidos judaicos ortodoxos antissionistas e partidos nacionalistas não religiosos de extrema direita.

7. SIONISMO RELIGIOSO E O SERVIÇO MILITAR

Os estudantes homens da rede israelense de escolas públicas religiosas são alistados aos 16 anos, para iniciar aos 18 anos o serviço militar israelense compulsório de três anos em batalhões comuns. Existe para homens a opção de servir o exército israelense no Programa *Hesder*, com duração maior dos três anos obrigatórios, dividindo períodos militares e períodos de estudos de disciplinas judaicas, geralmente em instituições sionistas religiosas que formam rabinos e professores, ou, em alguns casos, na *Yeshivat Maalot*, em que o estudante pode optar por cursos profissionalizantes em tecnologia. Portanto, investir mais tempo em um programa militar sionista religioso pode parecer uma perda de tempo para jovens que anseiam iniciar imediatamente após o exército seus estudos profissionalizantes não disponíveis nas instituições do Programa Militar *Hesder*.

São poucas as estudantes da rede escolar pública religiosa que se alistam para o serviço militar compulsório, em que soldados e soldadas participam de atividades conjuntas. As mulheres religiosas e ortodoxas podem requisitar dispensa do exército, mas as moças judias religiosas sionistas geralmente optam pela inclusão no âmbito militar apresentando-se para o serviço voluntário *Sherut Leumi* (Serviço Nacional) com duração de 12 a 24

meses. O *Sherut Leumi* consiste em atividades com carga de 30 a 40 horas semanais por 12 a 24 meses, que podem ser desempenhadas com trabalho em escolas, em hospitais, nas áreas de direito, geriatria, adolescentes em situação de risco, segurança interna, comunidades carentes, assistência ao imigrante, etc.

Os programas de intercâmbio de estudantes de diversos países em instituições sionistas religiosas israelenses com estágio de curta duração no exército israelense têm o objetivo de incentivar a imigração de jovens para Israel e de incutir as causas sionistas religiosas naqueles que retornam aos seus países de origem.

Os judeus ultra-ortodoxos se negam a servir o exército. Os judeus ultra-ortodoxos asquenazitas comparam o exército israelense ao exército russo, no qual os soldados eram alistados à força e obrigados a cumprir ordens militares em desacato aos preceitos religiosos. Os judeus ultra-ortodoxos seguem o princípio *Dina de Malchuta Dina*²⁵, que significa "A Lei do Governo é a Lei", fazendo-os sentir-se oprimidos, ansiando servir com as suas limitações religiosas respeitadas como fiéis súditos e bons cidadãos em todos os países do mundo, não é por eles acatado em Israel. Isto porque, para eles, o país de Israel não pode ser governado por entidades seculares judaicas, formalizando, assim, um confronto de potencial insubordinação civil às leis do Estado de Israel por parte dos judeus ultra-ortodoxos mais radicais.

A dinâmica de negociações e acordos para institucionalizar direitos referentes às necessidades de segmentos de diferentes origens sociais, culturais e religiosas, e, no âmbito da educação, e, no quanto se trata das forças armadas para judeus ultra-ortodoxos israelenses não é menos complexa, do que a dinâmica de interação entre as várias etnias árabes israelenses, que, quantitativamente, e não representativamente são muito maiores no parlamento.

²⁵ *Dina DeMalchuta Dina*, do aramaico – Lei da terra é a lei a ser obedecida, lei rabínica codificada no *Shulchan Aruch* de Joseph Karo (1488-1575), volume *Hoshen HaMishpat*, p. 369.

8. ANTISSIONISMO JUDAICO ULTRA-ORTODOXO ASQUENAZITA

Eretz Israel Bli Torá Ze Kemo Guf Bli Neshama, "Terra de Israel sem Torá (Ensinaamentos Judaicos) é como um Corpo sem Alma" e "Judaísmo e Sionismo são Opostos" são lemas característicos de judeus ultra-ortodoxos.

Estes bordões são também defendidos por uma ínfima e ruidosa minoria de grupos judaicos asquenazitas ultra-ortodoxos radicais, entre eles *Hassidei Satmer*, os *Hassidei Toldos Aharon* e os *Neturei Karta*, que negam em receber a cidadania e direitos civis israelenses, não pagam impostos, aumentam irregularmente suas habitações nas regiões de *Saarei Israel*, *Mea Shearim* e *Batei Hungarim* em Jerusalém.

Os *Neturei Karta* fecham ruas com barricadas de lixo, quando eles querem chamar a atenção, eles se isolam. Os *Neturei Karta* são conhecidos pelo bom relacionamento com árabes em Israel, e no exterior. Contudo, existem também outros judeus asquenazitas ultra-ortodoxos israelenses que não valorizam a insubordinação política anárquica. O estudo religioso e as rezas prevalecem sobre a segurança e saúde pública, esta postura é pregada por aqueles que defendem a instauração de uma teocracia, na qual o esperado Messias lidere e represente uma cúpula de anciãos judeus ultra-ortodoxos e seus fiéis no lugar de um governo fundamentado em leis civis.

Agudat Israel significa, em hebraico, Coalizão de Israel e é também comumente transliterado com a primeira palavra na pronúncia asquenazita, *Agudas Israel*. O Partido *Agudat Israel* tem origem no Movimento *Agudath Israel*, fundado no início do século XX em Kattowitz na Alemanha, uma região que agora pertence à Polônia, e, tornou-se o primeiro partido da população judaica ortodoxa antissionista de Israel.

O Movimento *Agudath Israel* foi criado em oposição à Comunidade Judaica Organizada (*Yishuv*). O conflito entre fundamentalismo judaico religioso, nacionalismo judaico religioso e sionismo revela a dificuldade de descrever as diversas identidades judaicas, as transformações de seus protagonistas e as dinâmicas de seus movimentos políticos e ápices de intolerância. Um dos porta-vozes contra a formação de um Estado judeu, o

poeta holandês Jacob Israel de Haan (1881-1924)²⁶, homossexual, casado com uma não judia alguns anos mais velha, ativista sionista na Holanda, e, uma vez em Jerusalém, tornou-se judeu ultra-ortodoxo radicalmente antissionista e passou a dialogar com os líderes muçulmanos de Jerusalém. A sua proposta de criar uma confederação judaico-muçulmana, fez com que fosse assassinado em 1924 por Avraham Tehomi²⁷, a pedido do Movimento Sionista *Haganá*, tornando-se conhecido como o primeiro assassinato político em Israel.

Em 1933, a Agência Judaica estabeleceu para a Agudat Israel 6,5% das licenças de imigração. Na véspera da Declaração de Independência de Israel em 1948, o Movimento Agudat Israel se rendeu ao Movimento Sionista e se tornou um órgão institucional do governo israelense.

Na década de 1980 o Rabino Elazar Shach, líder israelense dos judeus ultra-ortodoxos lituanos, criou o Partido *Deguel HaTorá*, Bandeira da Torá, opondo-se aos líderes hassídicos do Partido Agudat Israel.

O Partido *Deguel HaTorá* do Rabino Eliezer Shach percebendo que os votos de judeus ultra-ortodoxos não alcançavam os limites para a representação parlamentar divididos por estarem divididos em dois partidos, uniu-se novamente em 1992, com o Partido Agudat Israel, formando a Coalizão Partidária *Yahdut HaTorá*, União no Judaísmo da Torá, representada pela letra hebraica *Guimel*.

O objetivo prático destes eleitores é eleger o máximo de representantes no parlamento israelense para obter todos os direitos possíveis para suas instituições e fiéis no campo educacional, para instituições ortodoxas com programa de ensino autônomo, e, também para fazer valer seus preceitos judaicos em decretos de lei nacional.

O Partido *Agudat Israel* apoia o desenvolvimento de instituições de ensino superior autônomas israelenses, que incentivam rapazes e moças não israelenses a obter formação judaica ortodoxa em Israel com visto de

²⁶ Jacob Israel de Haan é aqui citado não pela sua importância política, mas sim porque seu assassinato ilustra a intolerância que levou a morte uma pessoa que teve mudanças radicais em sua identidade judaica e que merece uma análise mais detalhada.

²⁷ <http://www.haaretz.com/jewish/this-day-in-jewish-history/.premium-1.532770>

estudante. O número de registros destas instituições e de suas filiais como instituições oficiais israelenses de ensino autônomo é crescente. Algumas destas instituições para rapazes são a *Yeshiva Ohr Sameach*, a *Yeshiva Aish HaTorah* e o *Midrash Sefaradi* em Jerusalém, e, as filiais da *Yeshiva Tomchei Temimim* (Chabad) em várias cidades israelenses. Algumas destas instituições femininas são a *Neve Yerushalaym*, a *Binian HaOlam* e a *Ayelet HaShachar* em Jerusalém entre muitas outras iniciativas privadas que desejam atrair judeus não religiosos do exterior.

O visto de residência permanente em Israel é uma opção para os ex-estudantes destas instituições que residindo em Israel não desejam receber a cidadania israelense. As pessoas convertidas ao judaísmo através de programas autônomos de lideranças judaicas ultra-ortodoxas que não pertencem ao Rabinato Chefe de Israel não recebem o direito à cidadania israelense. Portanto, parte destes imigrantes judeus ortodoxos em Israel nega a cidadania israelense, não tem direito a recebê-la e, conseqüentemente, não vota.

9. PARTIDO RELIGIOSO SEFARDITA E SIONISMO

Shas é um acrônimo para *Shomrei Sefarad*, Guardas Sefarditas da Torá. Trata-se de um partido político israelense de cunho judaico ultra-ortodoxo fundado em 1984, sob a liderança do Rabino Ovadia Iosef, ex Rabino Chefe de Israel, que continuou a ser seu líder espiritual e seus textos continuam como inspiração de seus discípulos para defender os interesses dos observantes das leis e costumes judaicos sefarditas e orientais.

A imigração maciça de judeus com costumes sefarditas e orientais após a fundação do Estado de Israel, oriundos de países não habituados à política democrática, não tinha uma representatividade política própria organizada. O Partido *Shas*, instaurado em 1984, recebeu inicialmente o apoio do Rabino Shach do Partido *Deguel HaTorá*, e tornou-se o maior partido religioso do parlamento israelense graças a coalizões com partidos trabalhistas e com o Partido *Likud*, de Benjamin Netanyahu.

O Partido *Shas* surgiu da Associação Mundial Sefardita dos Guardiões da Torá, *Hitahtut HaSefaradim HaOlamit Shomrei Tora* (em português: União Mundial dos Sefarditas Guardiões da Torá) e, sua atividade política sustenta-se em decisões de um Conselho de Sábios da Torá, formado por lideranças espirituais de instituições e organizações judaicas ultra-religiosas sefarditas e orientais.

O objetivo principal do partido é "devolver a coroa para a antiga glória" e agir contra a contínua discriminação econômica e social sofrida pela população sefardita de Israel. O Partido *Shas* estabeleceu o seu próprio sistema de ensino financiado pelo governo chamado *El HaMa'ayan* (em português: A fonte), que se tornou popular em cidades pobres com população majoritária com costumes sefarditas e orientais, aumentando o apoio popular do partido e incentivando judeus não-ortodoxos sefarditas a se tornarem seus fiéis religiosos.

Em 2010, o Partido *Shas* uniu-se ao Movimento Sionista Mundial e fez mudanças significativas nas suas propostas. Antes eles concordavam com a ideia de negociar territórios israelenses para a Palestina em prol da segurança nacional israelense, e, a partir da união, passaram a exigir um pacote de compensação para os judeus sefarditas e orientais, que foram forçados a deixar os seus países e os seus bens para trás na negociação de paz e em acordos com os países árabes.

Apesar de não seguir o sionismo europeu e não ser um partido sionista, a proposta cultural de um 'Israel Autêntico' de Oriente Médio se encaixa bem com as crenças tradicionais sionistas e com um ressurgimento da fé e prática de tradições judaicas orientais não europeizadas. Assim, a popularidade do Partido *Shas* entre os eleitores judeus religiosos e não religiosos de vários níveis econômicos e classes sociais vinculados as tradições judaicas orientais, liderados pelo rabino de origem judaica babilônica, portanto iraquiana, o falecido Ovadia Iosef (1918-2013), mesmo contrário aos princípios socialistas do nacionalismo sionista israelense, é categorizado, muitas vezes incorretamente, como sionista.

O Partido *Shas* tem sido capaz de exercer influência desproporcional e de ganhar controle do equilíbrio de poder no parlamento, pela sua habilidade em tornar-se fundamental na formação de maioria nas disputas entre os grandes partidos israelenses.

10. DISTRITOS ISRAELENSES NA JUDÉIA E NA SAMÁRIA

A população de 39.000 pessoas, em 2011, do distrito israelense de Ma'ale Adumim, com 50 km², localizado entre aldeias árabes palestinas, a uma distância de apenas sete quilômetros ao norte do lado leste de Jerusalém, abrange judeus não religiosos, religiosos e judeus ortodoxos de todas as origens de países na Oceania, na Ásia, na África, na Europa e na América. Esta pluralidade cultural judaica e uma rede de escolas públicas comuns e de escolas públicas religiosas contribuem para a formação de um eleitorado nacionalista não obrigatoriamente religioso.

A cidade de Beitar Illit com 43.257 habitantes em 2012, com população estimada em 100.000 habitantes para o ano de 2020, concentrados em 4.3 km² a seis quilômetros ao sul do lado oeste de Jerusalém, é regida por uma comissão rabínica judaica ultra-ortodoxa. A nomeação do prefeito e a distribuição dos cargos administrativos refletem a política dos rabinos e de suas instituições, que não valorizam o aprendizado acadêmico e criam artifícios que impedem que um judeu não ortodoxo adquira ou mesmo alugue um imóvel e fixe residência nesta cidade.

O preço da moradia em Beitar Illit é muito menor do que nas regiões judaicas ultra-ortodoxas israelenses, a população local carece de formação técnica e profissional, e nas ruas e instituições de Beitar Illit, nas eleições de janeiro de 2013, somente foram divulgados publicamente o Partido *Agudat Israel* e o Partido *Shas*.

Cada distrito israelense na região da Samária e na Judéia, apesar de possuir uma população judaica diversificada, com o tempo, obtém uma identidade peculiar, que não define um padrão homogêneo, mas caracteriza uma identidade local geográfica. A população de *Efrata* e de *Alon Shvut* ao sul

de Jerusalém é sionista religiosa e preza pela formação acadêmica. Mais distante também ao sul de Jerusalém, em *Kriat Arba*, ao lado de Hebron, se encontram nacionalistas religiosos e não religiosos, estudantes, a mais vasta gama de imigrantes convertidos ao judaísmo através de instituições reconhecidas pelo Rabinato Chefe de Israel e uma ampla gama de famílias carentes.

As cidades *Ofra* e *Kedumim* são distritos israelenses majoritariamente sionistas religiosos. As cidades *Emanuel* e *Nahliel* são distritos israelenses judaicos ortodoxos. Estes distritos são cidades israelenses na região da Samária, entre uma maioria quase que absoluta de aldeias e cidades árabes palestinas. Os habitantes árabes das aldeias e cidades palestinas, portanto, de distritos que não são israelenses, e que não fazem parte do Estado Palestino, tem cidadania jordaniana.

Neste âmbito é bom esclarecer que as cidades e aldeias árabes no Estado de Israel não são consideradas distritos palestinos pelos sionistas. Pois os habitantes das cidades árabes israelenses são cidadãos israelenses, recebem o seguro social israelense, plano de saúde público e todos os benefícios das instituições oficiais públicas israelenses nestas regiões.

A omissão em expor a identidade da cidadania israelense dos árabes em Israel e das reais dificuldades de inclusão de seus diferentes segmentos culturais e religiosos desvirtua o real contexto destes na sociedade. Portanto, conflitos civis são apresentados ao redor do mundo como confrontos interétnicos que refletem o eterno interesse de alianças internacionais mutantes, legitimadas pela simpatia a diferentes causas, inclusive lendárias.

11. CONCLUSÕES

Os sionistas religiosos, como o Rabino David Hartman, imaginam o Estado de Israel como conceito central para a teologia "aliança", que enfatiza os aspectos ativistas da relação do homem com Deus, ao infundir a Torá (ensinamento judaico religioso) em uma perspectiva purista com a paixão sionista (socialista nacionalista) de responsabilidade judaica renovando mais

uma vez a aliança do Sinai nas condições de Israel moderna. Neste aspecto todos os partidos sionistas religiosos, e também os partidos nacionalistas israelenses não religiosos, como, por exemplo, o Partido *Ysrael Beiteinu*, tem explicações para a aliança teológica, histórica, cultural ou mítica que caracteriza um vínculo umbilical que os une apaixonadamente a Terra Santa do Estado de Israel.

Os sionistas religiosos messiânicos radicais, por exemplo, do Movimento Gush Emunim, que julgam as decisões militares israelenses e políticas devem ser em função à iminente era messiânica em que o Estado de Israel é Divino, não pode e nem deve haver nenhum recuo em espaço da Terra de Israel, Deus o livre, mas, pelo contrário, conquistar e libertar mais e mais estão em conflito com o sionismo religioso do Prof. Yeshayahu Leibowitz da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Os cidadãos israelenses sionistas fanáticos do Gush Emunim não negociam com palestinos, se eles entram em territórios palestinos não podem contar com a proteção do Estado de Israel. Assim, sem poder confiar nos palestinos, estas e outras pessoas em territórios palestinos sem autorização palestina, e, as vezes com autorização palestina, se nutrem na fé que a proteção Divina e seus milagres possa garantir-lhes a integridade física.

O desenvolvimento industrial israelense demonstra uma economia vigorosa com tecnologias de ponta e centros comerciais modernos onde é percebido o respeito e a inclusão poli-religiosa e multicultural. A infraestrutura dos projetos sionistas penetrou com bons serviços sanitários e não descaracterizou muitas regiões de judeus ultra-ortodoxos os quais mantém costumes menos ecológicos que fazem com que se assemelhem aos mercados das regiões urbanas árabes próximas.

O Professor Leibowitz critica a reivindicação de que o Estado de Israel representa a mão de Deus na história, simplesmente apontando que não houve nenhum sinal direto divino apoiando essa reivindicação. Ele argumenta que a humanidade não tem conhecimento sobre os desígnios da Providência e que as pessoas devem agir com extrema cautela antes de proclamar eventos da

natureza da vitória militar, política e nacional israelense de libertação como uma "aurora da redenção" ou "surgimento de redenção".

A abordagem deste professor é útil como alerta em relação a quaisquer lideranças que justificam o uso de meios não democráticos para a imposição de seus projetos sejam eles religiosos, nacionalizantes ou socialistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVIEZER, Ravitsky. *Messianism, Zionism and Jewish Religious Radicalism*. Chicago: University of Chicago Press, 123, 1996.

AVINERI, Shlomo. *The Zionist Idea and Its Variations*. Jerusalem: Am Oved Publishing, s/d. Chapter 17.

BAUMAN, Zygmunt *Globalização*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

BERGER, Michael S. *Rabbinic Authority*. New York: Oxford: Oxford University Press, 1998.

BLAY, Eva Alterman. *8 de março: As mulheres faziam parte das classes perigosas*. Revista Estudos Feministas vol. 9 - número 2 – UFSC, 2001.

DON-YEHUYA, Eliezer. *Origin and Development of the Aguda and Mafdal Parties*, in: Jerusalem Quarterly No. 20, 1981 (p. 49 - 64).

FRIEDMAN, Menachem. *Religion and Society: Non-Zionist Orthodoxy in Eretz Israel, 1918 - 1936*. Jerusalem: Dat VeHevrah, 1977.

FUND, Yosef. *Agudat Israel Confronting Zionism and the State of Israel - Theology and Policy*. Ph.D. diss., Bar-Ilan University (Hebrew with English summary), 1989.

GREILSAMMER, Ilan. *The Religious Parties*, in: *Israel's Odd Couple: The 1984 Knesset Elections and the National Unity Government*. Daniel J. Elazar and Shmuel Sandler [ed.]. Detroit, MI, Wayne State: University Press, 1990.

HARTMAN, David. *A Living Covenant: The Innovative Spirit in Traditional Judaism*. Woodstock US: Jewish Lights Publishing, 1997.

LEIBOWITZ, Yeshayahu. *Redemption and the Dawn of Redemption*. Cambridge: Mass. Harvard, 123 Judaism, Human Values and The Jewish State, 1992.

PARDO, Ferruccio. *Israele Fra i Popoli*. Italia: Barulli Editore, 1973.

SAND, Shlomo. *A Invenção do Povo Judeu*. São Paulo: Editora Benvirá, 2011.

SOKOL, Moshe Z. [ed]. *Engaging Modernity: Rabbinic Leaders and the Challenge of the Twentieth Century* (Orthodox Forum). Jason Aronson, 2000.

_____. *Rabbinic Authority and Personal Autonomy*. Jason Aronson, 1994.

SONNENFELD, Shlomo Zalman. *Guardian of Jerusalem: The Life and Times of Rabbi Yosef Chaim Sonnenfeld* adapted by Hillel Danziger. Brooklyn: Mesorah Publications. 1983.